



A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL NO ARTESANATO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SABER-FAZER

Vaneza Pereira Narciso
Mestranda em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente
pela Centro Universitário Maria Milza, Governador Mangabeira, Bahia, Brasil.
vanezanarciso@gmail.com

Andréa Jaqueira da Silva Borges
Pós-doutora em Investigação Científica(IUNIR)
Doutora em Geologia Ambiental(UFBA)
Docente do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente
no Centro Universitário Maria Milza. Governador Mangabeira, Bahia, Brasil.
andreamestrado1@gmail.com

Marcos Paulo Sales
Doutorando em Mudança Social e Participação Política (ProMuSPP),
da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil.
mp.sales@gmail.com

Resumo

A identidade cultural tornou-se um elemento distintivo no processo de produção artesanal, mas observa-se que há tensões entre a construção de tal identidade e os processos de “sustentabilidade” do saber-fazer. Assim, este artigo teve como objetivo verificar, através de uma revisão integrativa, os elementos que fazem parte da construção identitária do saber-fazer da renda de bilro e como isto relaciona-se com o desenvolvimento sustentável da produção artesanal. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, do tipo revisão de literatura integrativa. Para coleta das informações foram utilizados trabalhos científicos encontrados em repositórios das instituições de ensino superior da Bahia, avaliadas e recomendadas pela CAPES/CNPq, dentro do recorte temporal 2001 a setembro de 2022. Foram selecionados trabalhos cujo objeto de estudo recaía sobre a produção artesanal da renda de bilro na comunidade de Saubara, Recôncavo da Bahia, Brasil. Como resultados obtidos, foi possível identificar que, nas publicações analisadas, as tensões encontradas na construção identitária do artesanato são referentes às fragilidades das relações sociais entre as artesãs e a comunidade.

Palavras-chave: Renda de Bilro, Recôncavo da Bahia, Comunidade Tradicional, Sustentabilidade.



1. Introdução

A humanidade busca satisfazer suas necessidades criando estruturas sociais que são reafirmados por meio de diversas práticas cotidianas. O artesanato, desde os primórdios, atende as necessidades dos indivíduos e, ao mesmo tempo, é uma forma de manifestação da cultura humana. Além disso, possui como valor agregado elementos identitários que surgem em relações de tensão neste complexo processo da produção artesanal (WADE, 2002). A preservação da identidade cultural, neste caso pelo artesanato, representa o entendimento de que o desenvolvimento sustentável deve priorizar a dimensão social uma vez que os problemas sociais e ambientais têm sua gênese nos conflitos culturais (CHAMORRO, 2002).

Portanto, é fundamental entender sobre os elementos que servem como blocos no processo de construção da identidade cultural da renda de bilro, principalmente, quanto as tensões verificadas neste processo. Assim, este artigo teve como objetivo verificar, através de uma revisão integrativa, os elementos que fazem parte da construção identitária do saber-fazer da renda de bilro e como isto relaciona-se com o desenvolvimento sustentável da produção artesanal. Tal estudo justifica-se pela relevância cultural da tipologia deste artesanato para a Bahia, sua relevância econômica para o segmento artesanal e sua relevância social para a comunidade de Saubara (BA), Brasil.

2. Fundamentação teórica

2.1 Artesanato

A produção artesanal é uma atividade milenar que acompanhou a história evolutiva da humanidade. O artesão era o provedor das comunidades ao fabricar objetos de adorno, utilitários e domésticos. A mão é um dos instrumentos de trabalho do artesão, que confere a produção uma relação íntima entre o fazedor e o objeto, bem como agrega valor cultural ao artefato. O saber, sendo este também um instrumento de trabalho, é transmitido oralmente de geração a geração o que coloca o artesanato numa zona de risco de desaparecimento.

A manualidade compõe uma característica intrínseca ao fazer artesanal (CHITI, 2003; SEBRAE, 2010; BRASIL, 2018). A tradução inglesa para artesanato é “*handcraft*”, enquanto que, em alemão, utiliza-se “*handwerk*”, onde a palavra “*hand*” significa mão. Porém, nem toda a manualidade é considerada artesanato. Restringir o processo criativo e do saber-fazer artesanal a apenas a habilidade manual é subestimar o processo de produção dos artefatos. Há uma ligação entre a mão e a cabeça, entre a técnica e a ciência, entre a arte e o artesanato. O domínio da técnica é almejado pelo artesão e, quando é alcançado, “as pessoas são capazes de sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem bem” (SENNETT, 2009).

O domínio da técnica se dá pela repetição, pelo treinamento, pela capacitação. São necessárias várias horas de prática para alcançar novas habilidades e resolução de novos problemas na sua rotina de produção. A máquina, enquanto instrumento de repetição, torna o processo de produção em algo mecânico. “A máquina inteligente pode separar o entendimento



mental humano do aprendizado repetitivo, instrutivo, com a mão na massa. Quando isto acontece, as faculdades conceituais humanas perdem” (SENNETT, 2009).

Já produção artesanal é um processo humanizado, pois “é o gesto humano que determina o ritmo da produção. É o homem que impõe sua marca sobre o produto” (LIMA, 2005). Tanto o produto como o processo em si é caracterizado por um trabalho “qualificado, enobrecido, pessoalizado” (PEREIRA, 1957). Por suas características únicas, a produção do artesanato admite irregularidades, já a industrial, não, sobretudo pelo “controle de qualidade”. “O mundo feito à máquina não compreende os bordos irregulares do barro. Não gosta dos vidrados escorridos desigualmente, não aprecia a boniteza torta das canecas, das jarrinhas sem equilíbrio total [...]” (MEIRELES, 1968 *apud* LIMA, 2005).

Numa tentativa em dissociar-se, o termo saber-fazer recai numa questão referente à distinção de classes. Na sociedade industrial e capitalista, o saber – capacidade intelectual – que resulta num “conhecimento superior”, seria atribuição das camadas dirigentes, enquanto que o fazer – capacidade manual – seria um atributo das camadas subalternas. “Essa dissociação entre ‘fazer’ e ‘saber’, embora a rigor falsa, é básica para a manutenção das classes sociais, pois ela justifica que uns tenham poder sobre o labor dos outros” (ARANTES, 1988 *apud* LIMA, 2005). Ou seja “quando a cabeça e a mão estão separadas, é a cabeça que sofre”, porém, “a cabeça e a mão não são separadas apenas intelectualmente, mas também socialmente” (SENNETT, 2009).

Essa ideia permeia uma antiga discussão sobre as fronteiras entre arte e artesanato. Embora para o artesão não haja diferença entre trabalho manual e trabalho intelectual, para ele, ambos têm igual dignidade. Por isso, a análise deve partir de “como os próprios autores definem suas obras, as noções particulares que carregam consigo, para que se possa, com suas categorias, chegar a entendimentos da realidade que não sejam produtos de posturas etnocêntricas” (LIMA, s.d).

O ensaísta e poeta mexicano, Octávio Paz, em seu texto intitulado *El uso y la contemplación*, propôs uma distinção entre arte e artesanato. Ele defende que, se um objeto perde sua função, ele pode virar uma obra de arte. Segundo Paz (1997), isto não ocorre com o artesanato que, além da beleza, possui funcionalidades e nele consta, de forma indelével, as digitais de quem o produziu, ainda que de forma metafórica, pois “feito à mão, o objeto artesanal é feito para as mãos” (PAZ, 1997, p.135, tradução nossa). A partir das conceituações de Paz (1997), percebe-se que existe uma relação corpórea entre o produto artesanal e o observador, pois podemos ver e tocar no produto artesanal e, deste modo, o artesanato difere-se da obra de arte, que é apenas contemplativa.

O objeto artesanal tem sua existência precedida pelo propósito e pela função, ambos dão significado maior ao artesanato como expressão da cultura humana. A funcionalidade do artesanato é destacada por Howard Risatti em sua obra *A Theory of Craft: Function and Aesthetic Expression*. O propósito refere-se à criação de objetos artesanais para satisfazer às necessidades fisiológicas humanas, que possuem “uma dimensão primordial que vai além da cultura”, pois o artesanato é “um reflexo contínuo no presente dessa luta antiga e atemporal



que a humanidade travou com a natureza pela sobrevivência” (RISATTI, 2007, p.56, tradução nossa).

“Enquanto o propósito e a função prática instigam a fabricação de objetos artesanais, a forma, o material e a técnica são os elementos necessários para trazê-los à existência como coisas físicas e tangíveis” (RISATTI, 2007, p.60, tradução nossa). Não basta apenas existir, o objeto artesanal atende a um propósito e a uma função relacionada às necessidades fisiológicas e à expressão cultural humana. Retomando o entendimento de Paz (1997), falar em artesanato é falar sobre as pessoas que o produz. “O artesanato não é um signo que expressa a sociedade como trabalho (técnica) nem como símbolo (arte ou religião), mas como vida física compartilhada” (PAZ, 1997, p.136, tradução nossa).

2.2 Identidade Cultural

Definir o termo identidade é uma tarefa complexa, portanto, o que se busca neste artigo é a exposição de estudos realizados por autores que tratam do tema para que se possa ampliar a compreensão do processo de construção identitária do artesanato.

Wade (2002) sinaliza que a identidade é compreendida como uma ideia, uma sensação de ser o mesmo ao longo do tempo e se estabelece na diferença quando o “eu” é confrontado com o “outro”, sendo que este “outro” pode ser um objeto, indivíduo, nação, grupo social ou algo imaginado. A identidade se constrói de dentro para fora e pode estar em conflito quando a identidade imposta pelo dominador não reflete a identidade assumida pelo sujeito, por exemplo, “uma pessoa pode ser mestiça para o Estado ainda que se considere como indígena” (WADE, 2002).

Ao longo da vida, um indivíduo pode assumir múltiplas identidades, tais como: de classe, étnica, política, profissional e sexual, acessadas de acordo com as circunstâncias vividas (HALL, 2006). As identidades terão diferentes significados dentro de um discurso marcado pelas relações desiguais de poder. O valor que será atribuído a identidade dependerá do contexto. “Para um indígena na Colômbia, identificar-se como colombiano pode ser, em algum momento, uma maneira de evitar o racismo ou exigir, junto ao Estado, seus direitos de cidadão que sempre lhe foram negados”, mas que, em outro momento, “a mesma pessoa poderia estar dando ênfase a sua identidade como indígena” (WADE, 2002).

Existe um processo de identificação das identidades, que se caracterizam e propõem ao indivíduo múltiplas experimentações (BAUMANN, 2005). Esta identificação são atos repetidos de representação pelos quais se estabelecem as identidades. “As diferenças que constroem a identidade precisam ser marcadas, observadas ou indicadas pelos sujeitos na vida cotidiana” (WADE, 2002).

Hoje, a identidade é entendida como algo em movimento, que está relacionada com o papel social que o sujeito desempenha em sua realidade. Isso não significa dizer que se pode colocar e tirar a identidade, como se fosse uma máscara, pois as identificações atribuídas são



reforçadas pela repetição e as identificações reiteradas são afirmadas no âmbito psíquico (WADE, 2002).

Ao tratar da representatividade do artesanato tradicional, Lemos (2007) aponta que este “remete ao conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições e incorporados à vida cotidiana, sendo parte integrante e indissociável dos seus usos e costumes”. A produção artesanal se incorpora às relações familiares e comunitárias de tal maneira que este saber é visto como de valor cultural a ser preservado e transmitido, de geração em geração, para manutenção da memória coletiva (LEMOS, 2007, p. 45).

Qual a relevância da identidade para o artesanato? Com a “desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras”, a identidade, principalmente a étnica e religiosa, tornou-se a principal fonte de significado social (CASTELLS, 1999).

O que as pessoas são ou pensam que são é o que determina a relevância que cada um tem no mundo. A identidade cultural legitima as crenças e valores nos quais se acredita. E o que cada um é ou se torna é resultado da construção de uma identidade que se vale “da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, por instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (CASTELLS, 2018). Essa construção identitária é observada na classificação da produção artesanal brasileira, com destaque para a sua origem: artesanato tradicional, arte popular, artesanato indígena, artesanato quilombola, artesanato de referência cultural e artesanato contemporâneo-conceitual (BRASIL, 2018).

A identidade cultural da renda de bilro pode ser associada a uma das três definições propostas por Castells: “[...] Identidade de resistência: criado por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação” (CASTELLS, 2018, p.57). Nisto cabe destacar:

A partir destas contribuições, é possível caracterizar o artesanato produzido por comunidades tradicionais brasileiras como um bem dotado de uma identidade de resistência frente aos desafios impostos pela globalização. Para sobreviver às intensas mudanças no cenário do consumo cultural, é necessário que as comunidades artesãs, como a de Saubara, mantenham uma visão estratégica sobre estes processos de construção da identidade e estejam estruturadas e sólidas para enfrentar as ameaças que incidem sobre a identidade cultural do saber-fazer da renda de bilro (NARCISO; NARCISO; NASCIMENTO, 2022).

Deste modo, a diversidade cultural brasileira é valorizada sob a ótica da ancestralidade, onde a contribuição dos povos originários, negros e europeus é preservada, reforçando o conceito de identidade cultural coletiva no artesanato.

2.3 Dimensão social do desenvolvimento sustentável



O esboço da conceituação de sustentabilidade inicia-se a partir das reuniões organizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) nos anos 1970. Na Conferência do Rio de Janeiro (Rio 92), é divulgado o Relatório *Brundtland*, que define sustentabilidade como a “capacidade de um processo ou forma de apropriação dos recursos continuar a existir por um longo período” e o desenvolvimento sustentável como o “desenvolvimento que satisfaz as necessidades atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras para satisfazerem as suas próprias necessidades” (CMMD, 1991), destacando os “três princípios básicos a serem cumpridos: desenvolvimento econômico, proteção ambiental e equidade social” (BARBOSA, 2008).

O desenvolvimento sustentável, por vezes, é discutido como um norteador de ações, embora sua efetividade seja questionada, mas pode ser analisado também pelo viés científico, onde:

podemos realmente olhar para o desenvolvimento sustentável como uma grande teoria, um processo ou um guia para tomar decisões de desenvolvimento sólidas que não busquem cegamente o crescimento em uma área apenas para causar danos em outra (STRANGE, 2012).

É inerente à vida humana a busca por satisfazer suas necessidades, sejam estas de ordem orgânicas, psíquicas ou espirituais. Neste processo, “os seres humanos, ao se associarem para satisfazer suas necessidades, criam-se a si mesmos como seres sociais, induzem à associação de vários indivíduos para desenvolver um esforço concentrado” (LOPES, 2011). Busca-se, em grupo, o que não se logra no plano individual.

Nesta relação de interdependência, o contexto social ganha relevância no desenvolvimento sustentável, pois o homem cria uma estrutura social baseada em ações individuais e coletivas e se constrói a partir desta estrutura. “Cada ser humano incorpora uma teia de práticas, rituais, crenças, significados, modos de vivenciar, de sofrer e de imaginar ao longo de sua existência” (GRIMSON, 2010). A estas práticas, crenças e significados diários fortemente sedimentados na sociedade, define-se como cultura.

Assim, “nessas três características – a carência, a atividade e a dependência recíproca –, encontramos a melhor forma de caracterizar a dimensão social da sustentabilidade” lembrando que “a ação humana somente se realiza no mundo material” (LOPES, 2011). E nessa busca em satisfazer as necessidades no mundo material, o ser humano constrói uma sociedade lastreada em práticas culturais que serão expressas através do seu trabalho, neste caso, a produção artesanal.

O desenvolvimento sustentável preconiza a criação de um ambiente em que o indivíduo possa “manifestar potencialidades, talentos e imaginação, na procura da auto-realização e da felicidade” onde é clara “a explicitação de critérios de sustentabilidade social e ambiental e de viabilidade econômica”. Caso estes três critérios não sejam considerados no planejamento, não há desenvolvimento (SACHS, 2008).

A associação entre os termos sustentável e econômico gera certa desconfiança quanto ao objetivo que se deseja alcançar, visto que “o crescimento é o aumento quantitativo na escala física”. Sendo assim, é mais concebível associar sustentável ao termo desenvolvimento,



pois “desenvolvimento é a melhoria qualitativa ou a realização de potencialidades. A economia pode crescer sem se desenvolver, ou se desenvolver sem crescer, ou ambos ou nenhum” (BARBIERI, 2020, p.56).

Aprofundando mais a questão, o desenvolvimento sustentável deve promover inclusão social justa. Na questão de gênero, as mulheres são discriminadas por lhe ser negado os direitos políticos, absorção de sua mão de obra em setores do mercado de trabalho suborganizados e de pouca instrução. “O desenvolvimento incluyente requer, acima de tudo, a garantia do exercício dos direitos civis, cívicos e políticos”, sendo a democracia um valor verdadeiramente fundamental (SACHS, 2008, p.39).

Destaca-se o papel das mulheres neste processo de construção e manutenção de práticas culturais imbricado no desenvolvimento sustentável de uma comunidade. Estudos indicam que as mulheres podem contribuir positivamente para “aumentar o crescimento econômico, reduzir a pobreza, melhorar o bem-estar social” (STRANGE, 2012). Os números dão subsídios a este argumento. “Na África, pesquisas mostram que dar às mulheres acesso igual ao capital pode aumentar o rendimento das colheitas em até 20%.” Além disso, observa-se que:

dados compilados em países em desenvolvimento indicam que um a três anos de educação materna reduz a mortalidade infantil em 15%, enquanto um nível equivalente de educação dos pais atinge uma redução de apenas 6% (STRANGE, 2012, p.44, tradução nossa).

A compreensão da dimensão social do desenvolvimento sustentável circunscreve-se no entendimento de que “os problemas ambientais são realmente problemas sociais” (STRANGE, 2012) e “os problemas sociais são sempre problemas culturais, porque têm a ver com os mundos que construímos e no qual vivemos juntos” (CHAMORRO, 2002) pois “quando começam [os problemas], as pessoas são a causa e quando terminam, as pessoas são as vítimas” (STRANGE, 2012, p.45).

3. Metodologia

Os procedimentos metodológicos centraram-se na pesquisa bibliográfica. Foi realizada análise de conteúdo dos trabalhos científicos fundamentada em Laurence Bardin (2011). Buscou-se nas produções científicas, entre os anos de 2001 a setembro de 2022, identificar como as relações sociais das rendeiras de Saubara, município do Recôncavo da Bahia, contribuem para a construção da identidade cultural da produção artesanal da renda de bilro nesta localidade. Verificou-se ainda como estas relações impactam no desenvolvimento sustentável deste saber-fazer.

Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico nos repositórios institucionais de ensino superior da Bahia, que ofertam cursos *stricto sensu* recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), com nota igual ou superior a três. As instituições selecionadas tiveram como área de concentração temas relacionados à ciência social. Das informações encontradas, foram catalogadas as que



tratavam, de alguma forma, sobre o desenvolvimento sustentável e a valorização cultural do saber-fazer da renda de bilro em Saubara (BA).

Os termos de busca utilizados foram, na primeira tentativa, "renda de bilro Saubara", sem aspas. Em seguida, "renda de bilro", sem aspas. Depois, "renda de bilro" Saubara. E por fim, "Saubara". Desta forma, esgotando-se as possibilidades de busca.

No primeiro momento, foram criados quadros das informações coletadas dos materiais dos repositórios, o termo utilizado na busca e o número de publicações encontradas. Em seguida, catalogou-se as informações encontradas nos trabalhos científicos em tal ordem: tema, autor, data, elementos alusivos às relações sociais na construção da identidade cultural e as tensões nestas relações. Por fim, foram discutidos os principais resultados encontrados através de um diálogo com os objetivos deste artigo.

4. Resultados

A pesquisa em repositórios das Instituições de Ensino Superior (IES) da Bahia, utilizando os termos sinalizados na metodologia, gerou os resultados apresentados no Quadro 1, revelando a quantidade de trabalhos científicos que abordam a temática da renda de bilro em Saubara, bem como a concentração desses trabalhos científicos no repositório da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Quadro 1 - Publicações sobre a renda de bilro em Saubara por IES da Bahia, 2001 a setembro de 2022.

IES	Termos utilizados	Quantidade de publicações
Centro Universitário FG	Todos	0
Centro Universitário Senai/Cimatec	Todos	0
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública	Todos	0
Faculdade Maria Milza	Todos	0
Fiocruz (Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz)	Todos	0
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano	Todos	0
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia	Todos	0
Universidade Católica do Salvador	Todos	0
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-	Renda de bilro Saubara	01



Brasileira – Malês		
Universidade do Estado da Bahia	Todos	0
Universidade Estadual de Feira de Santana	Todos	0
Universidade Estadual de Santa Cruz	Todos	0
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	Todos	0
Universidade Federal da Bahia	“Renda de bilro” Saubara	04
Universidade Federal do Oeste da Bahia	Todos	0
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	Todos	0
Universidade Federal do Sul da Bahia	Todos	0
Universidade Federal do Vale do São Francisco	Todos	0
Universidade Salvador	Todos	0
	Total	05

Fonte: elaborada pela autora (2022)

Verifica-se que dos repositórios analisados, somente cinco publicações foram encontradas. Embora não esteja no escopo deste artigo a análise quantitativa da produção acadêmica sobre a temática abordada, cabe observar a relação numérica entre as produções científicas sobre a renda de bilro em Saubara e a de IES da Bahia. Abre-se espaço para uma reflexão sobre a importância de se abordar, na academia, temas referentes à produção artesanal num Estado com uma rica multiculturalidade. Tal situação deve ser considerada, haja vista que o artesanato, como já aqui mencionado, é uma expressão da cultura humana e promotor do desenvolvimento sustentável.

Tais publicações tiveram como base de análise o referencial teórico que fundamenta este artigo o que possibilitou verificar a presença de tensões nas relações sociais das artesãs, que participam da construção identitária desta produção artesanal, além das consequências para o desenvolvimento sustentável do saber-fazer na comunidade de Saubara.



Santana (2001), ao analisar os programas de incentivo à produção da renda de bilro em Saubara, constatou que, economicamente, o artesanato é inexpressivo, porém, “localmente é muito importante do ponto de vista social, o que é um problema que se insere no âmbito da ação solidária e da luta contra a pobreza”. Além disso, o aumento da produção e melhoria na qualidade das peças gerou satisfação pessoal para as rendeiras. Percebe-se que o bem-estar social, advindo da produção artesanal, deve ser priorizado em qualquer ação de fomento à produção da renda de bilro na comunidade.

O reconhecimento e preservação da identidade cultural do artesanato da renda de bilro é o ponto de partida para Ganem (2013), que buscou entender e identificar as possíveis relações entre designers e artesãos tradicionais para elaboração de uma tecnologia social. Para isto, foi desenvolvido o projeto *Design Dialógico*, em parceria com as artesãs da comunidade, no qual “pode-se falar de desenvolvimento humano, ou da manutenção dos saberes tradicionais, objetivos que podem ser alcançados pelo projeto”. Verificou-se também que as rendeiras almejam viver apenas da produção artesanal, no entanto, isto não é possível pois “o artesanato não traz retorno imediato, é necessário que se coloque o produto no mercado e não existe capacidade organizacional e produtiva que viabilize isso” (GANEM, 2013).

A aproximação entre o design e o artesanato ou melhor, entre a tradição e o moderno, imbrica na visão da produção artesanal voltada para atender as demandas do mercado consumidor. Desta forma, as artesãs devem ter bem definidas as práticas culturais da comunidade, que são inerentes à construção do saber-fazer da renda de bilro, pois tais práticas são a base para o diálogo com as demais áreas do conhecimento.

Vieira (2018), em sua dissertação, traz uma abordagem ampla das manifestações culturais de Saubara para contextualizar a preservação do ecossistema do manguezal. Assim, reforça-se o entendimento de que o meio ambiente natural e o cultural são indissociáveis. Uma das rendeiras expressa: “aprendi com minha sogra [dona Sinhá], ela fazia muita renda. Queria ter meu dinheiro, fui fazer renda, aí aprendi. É importante manter a tradição”. Sobre isto, Nogueira tece que “saberes tradicionais ligados à vida cotidiana se perpetuam e renovam a partir das relações interpessoais e familiares, em um universo de experiências coletivas” (VIEIRA, 2018). Mais uma vez, nota-se que o sujeito cria meios para atendimento das suas necessidades e através das práticas cotidianas criam ou reforçam as estruturas culturais.

Oliveira (2019) refletiu acerca da importância da memória individual e coletiva de mulheres negras para o patrimônio cultural local, onde destaca alguns trechos das falas das informantes, que deixam entrever como a construção identitária do artesanato da renda de bilro ocorre nas práticas cotidianas. Levanta-se a questão de gênero e do patriarcado, em que as artesãs aprenderam o ofício na infância, com seus familiares, mas tiveram que abandonar tal ocupação pois casaram-se ou tiveram filhos e, assim, dedicaram-se a construção da família. Localmente, dona Maria do Carmo figura como a representante da produção artesanal da renda de bilro: “então se eu fosse uma mulher casada e tivesse filhos eu não ia conseguir fazer isso. Mas não ia mesmo. Várias coisas acontecem aqui porque eu tenho a disponibilidade de sair” (OLIVEIRA, 2019, p.76).



A construção identitária do produto artesanal vincula-se às relações familiares, questão de gênero e dedicação ao ofício. A criação de cada peça artesanal conta a história de anos de luta pela manutenção do saber tradicional ao mesmo tempo em que não se pode relegar a segundo plano a instituição familiar que, para as artesãs, é a base da formação do sujeito. Pode-se afirmar que a construção identitária do artesanato da renda de bilro começa no seio familiar e a sua preservação também está inserida neste ambiente.

Tourinho (2019) parte da ideia de que “essas mulheres [as rendeiras] são postas desde a colonização em um espaço de invisibilidade e desvalorização”. Aponta que os intermediários na comercialização da renda de bilro superfaturam o produto sem perceber seu valor simbólico e cultural. Por isso, utilizando-se da fala de uma das rendeiras, é premente instituir projetos que permitam a transmissão de saberes e fazeres na comunidade de Saubara. Deste modo, ela transcreve a fala da mestra-artesã Maria do Carmo:

Tendo ganhado a confiança no mercado e o reconhecimento da comunidade de outras cidades, e até estados e países, tivemos a necessidade de desenvolver cursos com crianças, adolescentes e adultos da comunidade, para que possamos continuar o trabalho artesanal na região, assim não deixando se perder no esquecimento dos antepassados (TOURINHO, 2019, p.17).

Tourinho (2019) propõe que o conhecimento e a técnica das rendeiras sejam aplicados em sala de aula, na educação de jovens e adultos saubarenses.

O caráter identitário percebido pela artesã Maria do Carmo mostra-se de grande valor a ser repassado para as futuras gerações, que destaca a transmissão do saber como elemento que permite o desenvolvimento sustentável do artesanato em Saubara. A inclusão das técnicas e conhecimentos dos saberes tradicionais das rendeiras na educação formal, em salas de aula, permite que a nova geração perceba o valor cultural e simbólico da renda de bilro. Tal ação deverá ser articulada com os gestores públicos mediante sensibilização dos mesmos e apresentação dos ganhos sociais e econômicos com a implementação deste tipo de projeto.

Em seguida, buscou-se identificar possíveis elementos que caracterizassem a construção identitária da produção artesanal da renda de bilro no município de Saubara e as tensões existentes nesta construção (Quadro 2).

Quadro 2 - Elementos da construção identitária da produção artesanal da renda de bilro em Saubara

Tema	Autor, data	Elementos	Tensões
Uma avaliação sobre os programas de artesanato: estudo de caso da implantação do programa Bahiarte na comunidade de Saubara	Santana, 2001	- Bem estar social - Especificidade do produto - Peculiaridades da técnica	- Baixa remuneração - Artesanato como atividade secundária - Ações contínuas de valorização
Design dialógico: uma estratégia para a gestão	Ganem, 2013	- Aspectos culturais da comunidade	- Relação designer e artesãos tradicionais



criativa de tradições		- Tradição	
Manifestações Culturais de Saubara-Ba: Contribuições para preservação do Ecossistema Manguezal	Vieira, 2018	<ul style="list-style-type: none"> - Aspectos culturais da comunidade - Aspectos ambientais da comunidade - Relações interpessoais e familiares - Práticas cotidianas 	<ul style="list-style-type: none"> - Conservação do meio ambiente - Artesanato como atividade secundária
As Rendeiras de Saubara - da Educação Informal à Educação Formal: Estudo de Caso na Associação dos Artesãos	Tourinho, 2019	<ul style="list-style-type: none"> - Transmissão de saberes tradicionais 	<ul style="list-style-type: none"> - Desvalorização dos saberes - Desinteresse dos jovens pelo artesanato - Separação entre o saber e o fazer
Mãos que cosem a memória: as Rendeiras de Saubara-BA e o protagonismo de mulheres negras no patrimônio.	Oliveira, 2019	<ul style="list-style-type: none"> - Protagonismo feminino - Relações interpessoais e familiares - Aspectos culturais da comunidade - Memória individual e coletiva 	<ul style="list-style-type: none"> - Relações de gênero

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Deste modo, entende-se que as tensões sociais existentes no processo de construção da identidade cultural na produção da renda de bilro em Saubara, são: desvalorização das artesãs, baixa remuneração, dedicação às ocupações familiares, artesanato como atividade secundária, atrito entre a tradição e o moderno e desinteresse das jovens em dar continuidade ao saber-fazer tradicional. Essas tensões ocasionam a falta de engajamento das rendeiras com o seu trabalho e isto representa uma perda social para a comunidade, pois a identidade cultural deste artesanato sempre estará vinculada às mulheres negras que resistem às intempéries econômicas e sociais para manter a tradição artesanal.

5. Considerações finais

É sabido que a identidade cultural se torna um elemento distintivo no processo de produção artesanal. No entanto, observa-se que há tensões entre a construção de tal identidade



e a sustentabilidade do saber-fazer. Tal análise possibilitou catalogar os elementos que merecem atenção por parte dos sujeitos sociais envolvidos na produção, promoção e comercialização do artesanato renda de bilro.

Se o artesanato corre o risco de desaparecer, isso ocorre em virtude da fragmentação dos valores sociais tanto por parte do grupo produtor como do grupo consumidor. Salvar o saber-fazer da renda de bilro envolve criar oportunidades que sejam sustentáveis para que as artesãs se dediquem a esta produção de forma plena e confiante. Nisto, sugere-se:

- Que os programas de capacitação sejam contínuos, emancipatórios e promovam a autonomia das artesãs para que a atividade artesanal deixe de ser uma atividade complementar e torne-se uma atividade central de geração de renda;

- Ainda que o diálogo com as diversas áreas do conhecimento seja salutar para promoção do saber-fazer local, requer cautela associar a produção da renda de bilro ao design internacional, pois nem sempre a localidade é realmente dignificada e, tão pouco, as rendeiras.

Por fim, verifica-se que as tensões existentes na construção da identidade cultural do artesanato estão atreladas à fragilidade das relações sociais das artesãs, que são as guardiãs do saber-fazer. Para fortalecer tais relações é urgente um trabalho articulado entre vários atores da cadeia produtiva do artesanato, incluindo o poder público. O pensar e o agir devem ser direcionados aos mais jovens, para que estes sejam sensibilizados a participar de forma ativa na preservação da produção artesanal. Para isto, é relevante a elaboração de ações que não sejam pontuais, mas que sejam fruto de um agir constante em prol da manutenção e construção de uma identidade de resistência do saber-fazer da renda de bilro em Saubara.

6. Referências bibliográficas

BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento sustentável: das origens à Agenda 2030**. Editora Vozes, 2020.

BARBOSA, Gisele Silva. O desafio do desenvolvimento sustentável. 4ª Edição, N°4. **Rio de Janeiro: Revista Visões**, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

BRASIL. PORTARIA N° 1.007-SEI, DE 11 DE JUNHO DE 2018. **Institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro**. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Secretaria Especial da Micro e Pequena Empresa. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11-de-ju Acesso em: 19 out. 2022



CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

CHAMORRO, Inés. **La artesanía como elemento de promoción social, económica y cultural de los sectores industriales más desfavorecidos**. 2002.

CHITI, Jorge Fernández. **Artesanía: folklore y arte popular**. Ediciones Condorhuasi, 2003.

CMMD (Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento). **Nosso futuro comum** (Relatório Brundtland). 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

GANEM, Márcia Luiza Freitas. **Design dialógico: uma estratégia para a gestão criativa de tradições**. 2013. Mestrado (Programa de Desenvolvimento e Gestão Social Mestrado Multidisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

GRIMSON, Alejandro. Cultura, identidade: dos nociones distintas. **Social identities**, v. 16, n. 1, p. 63-79, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEMOS, Maria Edny Silva. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda**. Subsídios para Avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-Ce. 2011. Mestrado (Pró-reitoria de pesquisa e Pós-Graduação Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE, Brasil.



LIMA, Ricardo. **Artesanato: cinco pontos para discussão**. Palestra Artesanato Solidário, Central Artesol, 2005.

LOPES, Uaçá de Magalhães. **Educação como fundamento da sustentabilidade**. Salvador: EDUFBA, 2011.

NARCISO, Vaneza Pereira; NARCISO, Viviane; NASCIMENTO, Marcos Paulo Sales do. Renda de bilro: **identidade de resistência do artesanato numa comunidade tradicional da Bahia**. In: (Des)Fazendo Saberes na Fronteira. Anais. São Borja(RS) Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA, 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/desfazendosaberes/494771-RENDA-DE-BILRO--IDENTIDADE-DE-RESISTENCIA-DO-ARTESANATO-NUMA-COMUNIDADE-TRADICIONAL-DA-BAHIA>>. Acesso em: 21 out. 2022.

OLIVEIRA, Anna Luisa Santos de. **Mãos que cosem a memória: as Rendeiras de Saubara-BA e o protagonismo de mulheres negras no patrimônio**. 2019. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Museologia) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, Brasil.

PAZ, Octavio Lozano. **El uso y la contemplación**. Revista Colombiana de Psicología.1997.

PEREIRA, Carlos José da Costa. **Artesanato e arte popular**. Salvador: Progresso, 1957.

RISATTI, Howard. **A theory of craft: function and aesthetic expression**. Univ of North Carolina Press, 2007.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável e sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008

SANTANA, Fausta Joaquina Clarinda de. **Uma avaliação sobre os programas de artesanato: estudo de caso da implantação do programa Bahiarte na comunidade de Saubara**. 2001. Bacharelado (Graduação em Ciências Econômicas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

SEBRAE. **Termo de referência : atuação do Sistema SEBRAE no artesanato**. Brasília: SEBRAE, 2010.



SENNETT, Richard. **O artífice**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

STRANGE, T., y A. Bayley. **Desarrollo sostenible: Integrar la economía, la sociedad y el medio ambiente**, Esenciales OCDE, OECD Publishing-Instituto de Investigaciones Económicas, UNAM, 2012.

TOURINHO, Natália Paula da Conceição. **As Rendeiras De Saubara** - da Educação Informal à Educação Formal: Estudo de Caso na Associação dos Artesãos. 2019. Bacharelado (Instituto de Humanidades e Letras Bacharelado em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, BA, Brasil.

VIEIRA, Inadja Elizabete Nogueira Souza. **Manifestações Culturais de Saubara-Ba: Contribuições para preservação do Ecossistema Manguezal**. 2018. Mestrado (Programa Multidisciplinar De Pós-Graduação em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal Da Bahia, Salvador, Ba, Brasil.

WADE, Peter. Identidad. **Palabras para desarmar**, p. 255-264, 2002.